

TRÁFICO – Na década de 1980, dispus-me a editar, com uma equipe de alunos, o *newsletter* diário bilíngue de um festival de cinema. Por incrível que pareça, os originais iam de avião (em papel, naturalmente) para São Paulo, onde o jornal rodava na oficina da *Folha*. Na época, o dono do jornal, de birra com o Sindicato dos Jornalistas, demitira todos os revisores.

Imaginem: fim de noite, hora extra, a turma proletária digitando em inglês, sem revisão!

O trabalho dos meninos saía quase ilegível – mais ainda para os estrangeiros.

Ficamos hospedados no Hotel Nacional, prédio cilíndrico, na Barra da Tijuca, terceiro andar – não, é claro, no apartamento voltado para o mar, mas em um dos menos valorizados, com visão panorâmica para a favela da Rocinha.

De lá, podia ver o fluxo intenso e contínuo de automóveis de último modelo, pilotados por moços e rapazes do mais fino trato – quando não por motoristas de boné – estacionando por minutos em frente a um dos mais movimentados pontos de droga da cidade.

Refleti, então, longamente, sobre se os pés-de-chinelo com aspecto miserável que levavam as encomendas aos carros eram os corruptores daqueles moços tão bonitos, ou o contrário.

Concluí que era o contrário.

Conheço bem a desgraça social que se vincula às drogas.

Daí, firmei posição: não desculpo quem, dispondo de tantos privilégios sociais, quer mais e escolhe o vício; e jamais, em tempo algum, terei pena de traficante chique.